ANO DO SENHOR – ANO DE LIBERTAÇÃO
Lucas 4,16-30

Paulo Lockmann

1. Os limites e possibilidades do texto de Lucas 4,16-30

Nosso propósito neste artigo é mostrar como Lucas recupera a tradição do Ano do Jubileu, introduzindo-a como elemento central da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus. Isto faremos dentro dos limites que o texto de Lucas nos coloca.

Em se tratando de Lucas, devemos sempre ter cuidado ao estabelecermos limites de uma perícope, já que é conhecida sua estratégia de firmar conexões internas entre essas unidades literárias, isso com mais precisão e arte literária do que Mateus e Marcos. Por exemplo, o tema do Espírito vem sendo consolidado desde o Evangelho da Infância como temática teológica, e vai adquirindo densidade e significado. Junto a isso, há a questão geográfica: os lugares são mais do que menções topográficas. E nesta linha poder-se-ia mencionar muitos outros elementos para fortalecer o que estamos dizendo acerca da questão topográfica. Pode-se perceber que Jerusalém é o lugar de sentido por excelência, já que, explicitamente, é lá que começa o Evangelho ou, mais especificamente, no Templo com Zacarias (Lc 1,5-23). É também para Jerusalém que os discípulos retornam após a cena final do Evangelho em Betânia, que é a ascensão do Messias (Lc 24,50-53). Para acentuar ainda mais esta coerência interna do texto de Lucas, o Evangelho começa com uma epifania – Zacarias e o anjo no Templo – e termina com outra epifania – os discípulos vendo Jesus ser assunto ao céu.

Por outro lado, o texto a ser estudado pode iniciar-se no verso 14 e não no 16, como fazem diversos autores[1], e terminar no verso 21, se a nossa intenção é examinar o uso que Jesus faz do texto de Isaías, ou no verso 30, se queremos considerar como Lucas e sua comunidade entenderam o discurso de Jesus na Sinagoga de Nazaré.

Do ponto de vista da construção da perícope, temos de reconhecer, com a história da exegese deste texto[2], que Lucas reuniu numa só vez duas ou mais histórias da visita de Jesus à cidade onde fora criado (conforme a expressão: *ou ên tethrammenos* – Lc 4,16). Isso para poder explicar como o povo na Sinagoga passou da admiração à indignação, além das relações de dependência com Marcos 6,1-6 e Mateus 13,53-58, ou mesmo João 4,44 e outros textos que fazem parte de um núcleo comum de visitas a Nazaré, e/ou às Sinagogas, sempre inseridas na discussão e rejeição de Jesus enquanto Messias.

1. BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. Salamanca: Sígueme, 1995, p. 296.
2. HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker Book House, 1981, p. 250.

Cabe dizer ainda que a perícope é uma composição de diferentes tradições, onde por exemplo Lucas ora acompanha Marcos e Mateus, ora trabalha o material da tradição ligada a ele, além da fusão de mais de uma visita à Sinagoga de Nazaré. A referência a que um profeta não tem honra em sua própria terra é agregada por Lucas das citações de Elias e Eliseu (Lc 4,25-27). E são exatamente estas novidades típicas de Lucas que tornam a exegese do texto desafiadora e quase sempre incompleta, em face dos diferentes detalhes do texto e suas infindáveis ilações exegéticas.

2. O significado de começar na Galiléia e em uma sinagoga

Este texto de Lucas 4,16-30 é, na verdade, o relato do primeiro episódio do conhecido ministério galileu de Jesus, isso porque as referidas visitas às sinagogas da Galiléia, mencionadas nos versos 14 e 15, criam o quadro e o clima para o relato da visita a Nazaré e sua sinagoga. Jesus dá início a seu ministério a partir da Galiléia – em especial de sua cidade Nazaré – e numa Sinagoga. Isso explica diversas coisas por si mesmo, ou seja, desde sua condição de "Ungido-Messias" até sua condição de "Mestre Rabi", além de explicar o confronto que ele passa a ter, crescendo numa rejeição que irá culminar na sua prisão e morte e ressurreição, como veremos melhor neste mesmo artigo.

Qual o sentido de o ministério do ungido de Deus, o Messias-Jesus, iniciar na Galiléia?

Estamos convencidos de que Lucas, diferentemente de Mateus, que dá uma explicação messiânica para esta opção de começar na Galiléia (Mt 4,12-17), tem a intenção de apontar, na opção de Jesus, uma denúncia profética de cunho, acima de tudo, político. Vejamos como se pode chegar a tal conclusão.

A menção à Galiléia, embora devedora às fontes dos evangelhos sinóticos, onde Lucas também bebeu, teve em seu uso um evidente conteúdo político. A primeira evidência disso pode ser vista quando Lucas, e somente ele, apresenta uma descrição dos governantes nos diferentes territórios (Lc 3,1). Essa é mais que uma descrição meramente histórica; é, acima de tudo, política e econômica, já que denuncia o governo opressor romano, e junto aponta os acordos feitos com Roma pela família herodiana, para manter-se no poder. Não é tão-somente um mero esforço para dar credibilidade histórica aos relatos que se seguem. Acordos esses que tinham, acima de tudo, interesses econômicos. Para Roma, o que lhe interessava era a transferência dos lucros do trabalho do povo, seja através do governo herodiano (no caso, Herodes Antipas, na Galiléia), ou, se necessário, com um interventor (procurador romano como Pôncio Pilatos 26-36 dC), no território da Judéia e Samaria. Isso aconteceu por causa da falta de controle de Arquelau em relação aos vários levantes revolucionários, o que forçou o Imperador Augusto, já em 6 aC, a depor o representante da família herodiana como governante para a Judéia e Samaria.

A Judéia foi um território mais sujeito a insurreições político-revolucionárias e messiânicas, por causa de Jerusalém e, acima de tudo, porque: "...não se espera que

um profeta morra fora de Jerusalém." Sim, Jerusalém é lugar de sentido rico, especialmente no Evangelho de Lucas[3]. Igualmente a Galiléia se revestia de significado político, mas a base era, acima de tudo, econômica. Na época de Jesus, a Galiléia era, como já vimos, território de Herodes Antipas que o dominou até 39 dC. Sua economia era centrada basicamente na agricultura. Era dela que saía a maior parte do suprimento para outras regiões de Israel e, com isto, era uma natural geradora de cobiça e exploração dos governantes. O que queremos dizer é que a Judéia, particularmente Jerusalém, por ser previsivelmente revoltosa, por ter sido a capital do Reino de Israel, tem menções diversas de insurreições político-messiânicas, sobretudo na época da Páscoa[4], principalmente após a morte de Herodes, o Grande. Esses movimentos revoltosos também ocorreram na Galiléia, mas aqui a razão foi, acima de tudo, econômica[5], por causa da opressão dos pobres, como mencionamos e veremos com mais detalhe à frente.

Cabe dizer, ainda, que a Galiléia havia recebido, desde a queda do reino israelita do Norte, diferentes levas de migração gentílica. Não é à toa que Mateus menciona, como Josefo, "a Galiléia dos gentios" (Mt 4,15)[6]. Foi o rei asmoneu Aristóbulo I que no ano 104 aC tornou a Galiléia dependente da Judéia, e o povo galileu se judaizou de uma forma bastante rápida. Do mesmo modo, no século I aC, muitos judeus migraram para a Galiléia, atraídos por suas terras férteis. Dentro desse processo certamente se incluía a família de Jesus.

Um outro exemplo da reação política à dominação estrangeira, e que os Evangelhos também apontam, é a rejeição a Tiberíades, construída na beira do mar da Galiléia por Herodes Antipas, em homenagem a Tibério César (Lc 3,1), cidade que praticamente é a única a não receber visita de Jesus na Galiléia, tida pelo judaísmo rabínico como cidade impura. Foi rejeitada pelos judeus, certamente por ser símbolo da dominação herodiana e romana, e também porque os romanos de suas guerras de conquistas haviam trazido escravos e colonos estrangeiros para viver e trabalhar na construção da cidade, embora bem mais tarde tenha se tornado cidade de Rabis, onde se codificaram alguns comentários rabínicos.

Por tudo isto, Galiléia é também lugar de insurreições. Ali ocorreram os levantes de Teudas, assim como o de Judas, o Galileu, estes e outros levantes liderados ora por zelotes, ora por líderes messiânicos sem vínculos necessários com os zelotes, mas ambos mencionados por Lucas no livro de Atos.

3. CASSIDY, Richard J. *Jesus, Politics and Society*. New York: Orbis Books, 1994, p. 99-127.

4. LOHSE, Eduard. "Templo y Sinagoga", em: *Jesús y su Tiempo*. Heinz Schultz (editor), Salamanca: Sígueme, 1966, p. 152.

5. STEGEMANN, Wolfgang. *Das Evangelium und die Armen*. München: Kaiser Verlag, 1981, p. 19.

6. REICKE, Bo. "Galilea y Judea", em: *Jesús y su tiempo*. Salamanca: Sígueme, 1966, p. 60.

Galiléia era uma região rica economicamente, mas empobrecida[7] pelos diferentes impostos. A parte mais rica era a planície de Genesaré, onde Jesus começou seu ministério público. Esta área tinha um clima subtropical propício a várias culturas; mas a atividade econômica mais importante era o comércio, isto porque as caravanas vindas de Damasco em direção a Cesaréia Marítima cruzavam todas pela Galiléia, espalhando negócios e riquezas pelo caminho. Em Cafarnaum havia uma estação de controle militar e de imposto. Não muito longe de Cafarnaum ficava Mágdala, estação rica de pesca e cuidado industrial dos peixes, pois estes, uma vez salgados, eram vendidos às diferentes caravanas.

Esta descrição econômica é vital para sublinhar o conseqüente interesse político que a Galiléia representou tanto para a família herodiana como para a administração romana. Galiléia era terra de contrastes, pois, se por um lado havia muitas riquezas, por outro os muitos impostos tornavam a vida dos agricultores galileus um processo crescente de empobrecimento. Dentre essas famílias de agricultores eram recrutados os insurretos e, dentre este povo descontente, saíram os discípulos de Jesus, assim como as multidões que o acompanhavam.

Tudo isso que consideramos reforça a idéia de que Lucas carrega nas informações históricas que fornece, com um visível enquadramento político, cuja razão está na realidade econômica da Galiléia. É nesta terra de tensões políticas – produtora de um saber judaico, através de suas sinagogas, e espaço onde se desenvolviam muitas ambições – que Jesus escolheu iniciar seu ministério.

É exatamente nessa Galiléia dos Herodes e também dos rabis que está a questão: rabis e Sinagoga representavam na Galiléia o elemento ideológico, formador de consciência com mais força até mesmo que o Templo e a classe sacerdotal, representada no movimento saduceu, na região da Judéia, mais especificamente em Jerusalém. Esses foram elementos-chave na construção deste texto e que, de certo modo, explicam vários elementos no desenvolvimento da narrativa.

Pois, assim como vimos a Galiléia e a sua relevância no quadro do início do ministério de Jesus, cabe mostrar a importância de apresentar seu discurso missionário numa sinagoga.

Conforme sabemos, as sinagogas nasceram no cativeiro da Babilônia[8], de onde passaram a todos os centros da diáspora, assim como para a própria Palestina. É verdade que a reconstrução do Templo freou um pouco a multiplicação de sinagogas, mas não a interrompeu. Joaquim Jeremias afirma, em seu livro *Jerusalém no Tempo de Jesus*, que em Jerusalém e cercanias multiplicaram-se o número de sinagogas, nos tempos da Igreja Primitiva. A cerimônia na sinagoga nunca intentou substituir o culto

7. SCHOTTROFF, Luise e STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus von Nazareth, Hoffnung der Armen.* Stuttgart/Berlim/Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1978, p. 40.

8. LOHSE, Eduard, *o.c.*, p. 453.

do Templo, mas, sim, manter viva a fé de Israel através do ensino das Escrituras: ora a Torá e o ensino de cunho legal, ora os profetas e os ensinos de cunho exortativo e de consolação. Era hábito o chefe da sinagoga comentar o texto; ou então convidava um dos presentes para fazê-lo, ou alguém se levantava espontaneamente e solicitava esta honra. Esta teria sido a condição em que Jesus se levantou na sinagoga de Nazaré, para fazer sua leitura e comentário de Isaías 61,1-2.

Este breve comentário sobre a importância da sinagoga busca ajudar-nos a considerar a relevância destas celebrações sabatinas na vida de Israel nos tempos de Jesus. A piedade e a consciência religiosa do povo judeu eram construídas nesses tempos a partir da sinagoga. Dentro de certas proporções, ela era um espaço muito mais livre e popular do que o templo em Jerusalém. Formava a consciência de cidadania, dando o sentido cotidiano de identidade judaica ao povo.

Entendemos que Jesus, ao iniciar na sinagoga seu ministério, buscava apoio e adesão da expressão religiosa mais próxima do povo. Isso é mais evidente em Lucas, principalmente no texto objeto de nosso estudo. Quando vemos o texto em relação aos demais evangelhos, as intenções de Lucas se evidenciam, pois além dos traços comuns – como visitas às sinagogas (Lc 4,16; Mt 13,54), a admiração dos presentes (Lc 4,22; Mt 13,54), a afirmação de que nenhum profeta é bem recebido em sua terra (Lc 4,24; Mt 13,57) – Lucas sublinha expressamente Nazaré como a cidade onde Jesus havia sido criado (Lc 4,16), menciona que era sábado e que ali estava *segundo seu costume* (Lc 4,16). E, finalmente, comenta que: "...se maravilhavam das *palavras de graça* que saíam de sua boca" (Lc 4,22). Neste caso, não há singularidade no adjetivo maravilhar-se, mas em: *logois tês cháritos – palavras de graça* (Lc 4,22). Tal expectativa era posta, na teologia dos escribas e fariseus, como virtude do Messias, pois este haveria de expor as Escrituras com palavras de graça-sabedoria.

Fica evidente que, dentro do ambiente da sinagoga, Jesus é apresentado por Lucas e sua comunidade como o Messias-Rabi-Mestre, aquele que faz o *midraxe* – comentário de um texto do Antigo Testamento, seguro e certo. Muito já foi dito sobre a capacidade de Lucas de elaborar dentro do espírito da literatura midráxica[9], por isso devemos reconhecer este esforço nesta perícope da visita de Jesus à sinagoga em Nazaré.

O que desejamos ver na seqüência do texto é o uso que Jesus fez de Isaías 61,1-2 em seu comentário do texto.

3. O ungido do Senhor e o Ano da Graça – comentário de Jesus a Isaías 61

Não vou entrar na sofisticada discussão das "palavras autênticas" (*ipsissima vox*) de Jesus, dentro deste relato.

9. FREIRE, Carlos Escudero. *Devolver el Evangelio a los Pobres.* Salamanca: Sígueme, 1978, p. 15-54.

Vou considerar que a leitura feita por Jesus do texto de Isaías 61,1-2 e o seu comentário obedecem a uma coerência interna do Evangelho, onde o discurso se encaixa perfeitamente na seqüência das palavras e atos do Messias, podendo mesmo ser considerado como discurso inaugural e programático do ministério de Jesus para todo o Evangelho de Lucas.

O texto de Isaías 61,1-2 adquire no discurso da Sinagoga de Nazaré uma característica nova em relação ao seu lugar existencial original reconhecidamente após o cativeiro, onde o esforço é a redescoberta da identidade de ser povo de Deus. Afinal, o retorno do cativeiro não deixou de ser um novo êxodo, uma nova promessa de libertação, visão bastante clara no Dêutero-Isaías (Is 43,1-7.14-15; 49,5-13).

Na leitura de Jesus, o anúncio de Isaías não pertence mais a uma esperança de Israel. Não se trata de anunciar que o reinado do Senhor há de vir, mas o seu cumprimento: *sémeron peplerôtai ê grafe* – "hoje se cumpriu a Escritura" (Lc 4,21). Este é o novo de Jesus dentro da Sinagoga. Todos os sábados eram lidas passagens de Isaías e outros profetas, freqüentemente por leigos como Jesus. Textos como Isaías 44,51-52; 61,1-2 eram usuais nas meditações de estilo *hagádico*, consoladoras e semeadoras de esperança da mudança da sorte de Israel. Jesus apresenta o Evangelho, a Boa-Nova. O tempo de justiça chegou, a restauração é chegada.

A grande discussão sobre este texto é em que proporção, de fato, Jesus pensou em cumprimento do Ano do Jubileu, já que em nenhum outro dos Evangelhos temos este conceito tão explícito como em Lucas. Mas se reconhecemos que a tradição dos Evangelhos são, em sua maioria, relatos em alguns momentos paralelos, em outros interdependentes (quando têm núcleo comum, mas construção enriquecida de material próprio), ou, ainda, relatos complementares, podemos concluir que o discurso da Sinagoga de Nazaré, feito por Jesus, põe como temática central o Ano do Jubileu no anúncio do Reino de Deus, comum a todos os Sinóticos.

A grande evidência disso está no fato de que, enquanto em Marcos e Mateus Jesus começa seu ministério com o discurso "O tempo está cumprido, o Reino de Deus é chegado..."[10] (Mc 1,15; Mt 4,17), em Lucas a seqüência vem acompanhando de modo preciso estes dois evangelhos – primeiro, o batismo de Jesus por João Batista (Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22); a seguir, a tentação no deserto (Mc 1,12-13; Mt 4,1-13) – quando Mateus segue acompanhando a Marcos, onde, embora acrescente material próprio, diz que Jesus foi para a Galiléia. Lá, pregava arrependimento e a chegada do Reino de Deus (Mc 1,14-15; Mt 4,12-17). Nesse núcleo, Lucas começa como se fosse acompanhar Marcos mais fielmente, sem todo o comentário de Mateus que vincula este fato à profecia de Isaías. Entretanto, Lucas omite que Jesus ia pela Galiléia anunciando o Reino de Deus, mas diz que "ensinava nas Sinagogas, glorificado por todos" (Lc 4,15). Lucas omite claramente esta expressão e inclui a visita à

10. LOCKMANN, Paulo. "A caminhada do Messias Jesus...", In: *Estudos Bíblicos*, nº 2, 1984, p. 21.

Sinagoga em Nazaré, e nela coloca o anúncio do Ano do Jubileu, o que para ele é, sem dúvida, a mesma coisa que anunciar o Reino de Deus. Prova disto são dois exemplos. O primeiro está no final do mesmo capítulo quatro, onde Jesus diz: "É necessário que eu anuncie o Evangelho do Reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado" (Lc 4,43). Aqui se repete parte do discurso da Sinagoga, pois lá o Espírito o envia para anunciar o Evangelho aos pobres (Lc 4,18). A outra evidência está na resposta aos discípulos de João Batista que perguntaram se ele era o enviado (Lc 7,19). Ao que Jesus responde com o mesmo conteúdo do discurso da Sinagoga de Nazaré: "Ide, e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho" (Lc 7,22). A vinculação à temática do Reino é visível até mesmo no acréscimo que Lucas mostra Jesus fazendo ao texto de Isaías 61,1-2 onde, ao invés de "enviou-me a curar os corações quebrantados", usa "para proclamar libertação aos cativos". Ali a expressão "corações quebrantados", do texto original, foi substituída por "proclamar libertação aos cativos", flagrantemente tomada de Isaías 58,6, que está num quadro de locuções usuais na sinagoga para proclamação de jejum e defesa do advento do Ano Jubileu e da reafirmação do reinado do Senhor sobre Israel.

Fica claro que o programa do ministério messiânico de Jesus, de inaugurar o Ano da Graça aceitável do Senhor, foi dado no discurso feito por Jesus na Sinagoga em Nazaré e, de acordo com a resposta aos discípulos de João Batista, já estava se cumprindo.

4. Os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos

Não nos cabe descrever o significado do Ano do Jubileu a partir de Lv 25 na história de Israel, pois outros tomaram esta tarefa. Todavia, nós desejamos analisar livremente o impacto deste anúncio na Galiléia do séc. I.

A primeira interpretação que Jesus fez, em torno do Ano do Jubileu, é devolver a esperança messiânica aos pobres. Para Jesus, o reinado de Deus chegou para os pobres.

Joaquim Jeremias, em sua *Teologia do Novo Testamento*, diz fortemente o seguinte: "Por que iriam escandalizar-se as pessoas, em que os cegos vissem, os coxos pudessem caminhar, os leprosos ficassem limpos, os surdos pudessem ouvir e os mortos ressuscitassem? A estas primeiras cinco frases não se pode referir (em todo caso, não se pode referir à primeira vista) a palavra final acerca do escândalo (Lc 7,23). Porém, na prática, a oferta de salvação que Jesus faz aos pobres resulta profundamente escandalosa. Quando Jesus declara que são bem-aventurados os que conseguem superar este escândalo, então, acentua a importância da proposição 'os pobres são evangelizados'".[11]

11. JEREMIAS, Joaquim. *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 133.

Embora consideremos que cegos, coxos, leprosos, surdos e ressuscitados são rostos diferentes de uma mesma categoria social, na verdade, todos eles são pobres (*ptochoi*). Não há dúvida que para estes destinatários do Reino, conforme anuncia Jesus, trata-se de um resgate. Pois, a temática do Reino para o senso comum do judaísmo da época era, acima de tudo, restabelecer a monarquia, com sua oligarquia ou, para outros, garantir os direitos do Israel puro. Jamais, porém, dar lugar aos enfermos considerados como impuros e pecadores. Os pobres eram em sua maioria marcados com o selo da impureza e da maldição. Havia todo um discurso teológico para justificar a condição das multidões famintas, enfermas e miseráveis. Algo semelhante ao que se continua falando hoje em tempos de neoliberalismo, dos sem-terra, sem-teto e excluídos em geral.

Assim, o Evangelho do Reino, anunciado por Jesus, vai tornando-se em todo o Evangelho de Lucas uma encarnação verdadeira do Ano do Jubileu. A presença de Jesus vai representando o começo do Reino. Já não há que esperar, ele está chegando[12]. Na medida em que os pobres vão sendo curados, resgatados em sua dignidade, aumentam as multidões em torno de Jesus. Com isso o discurso de Jesus torna-se escândalo e ameaça. Aqui está o jogo literário de Lucas de trazer o relato da visita à Sinagoga para o início do Evangelho, pois Jesus já começou fazendo uma reparação, que era devolver o Evangelho aos pobres. Esta é a grande reparação do Ano do Jubileu. Eles, os pobres, com sua cura e sua libertação, são o alvo do Messias, o propósito de seu ministério. Com isso pode entender-se melhor por que se passou da admiração na Sinagoga à indignação. Na verdade, esta perícope pretende resumir o que ocorreu com o todo do ministério de Jesus.

Devemos mostrar também, como já vimos na primeira parte, que o discurso de Jesus foi de encontro a uma região com uma riqueza cada vez mais concentrada nas mãos de poucos. A Galiléia passava por um período de fome. Por volta do ano 25, houve crise de alimentos, 31 terremotos, 29 epidemias, além de superpopulação. Isso levou ao aumento de excluídos e a Galiléia foi a região mais atingida pela superpopulação.[13] Isso promoveu a constante concentração de propriedades nas mãos de poucos. O número de endividados cresceu e, naturalmente, pairava no ar a expectativa de uma medida legal que viesse em favor dos necessitados. Tudo isso trouxe muitas motivações para o anúncio do Ano do Jubileu. Na verdade, o anúncio de Jesus sobre o Reino e Ano do Jubileu causou um crescente incômodo para Herodes que procurava matá-lo. Essa era a intenção de Roma e da oligarquia judaica do templo. O que, em suma, produziu a conspiração, posteriormente concretizada no seu processo e morte.

Isto nos mostra ainda que o esforço de Lucas, ao apontar governantes e ao mostrar o discurso de Jesus na sinagoga, foi o de mostrar que o Evangelho, antes de ser uma esperança para o futuro, é uma palavra realizada; aberta, sim, para o futuro,

12. SCHOTTROFF, Luise, *o.c.*, p. 46.

13. THEISSEN, Gerd. *Soziologie der Jesusbewegung*. München: Kaiser Verlag, 1979, p. 42.

mas realizada, pois, afinal, o Ano do Jubileu está aí presente: "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (Lc 4,21).

5. Conclusão: implicações pastorais

Esse texto tem sido chamado também de discurso da missão. Não há dúvida: nele Jesus revela seus propósitos e define o que ele mesmo entendia ser sua missão. Por outro lado, temos na leitura do texto de Isaías (61,1-2) uma legítima esperança, cultivada há muito, na qual se almejava o momento em que Deus restabeleceria o equilíbrio e a justiça de toda a Criação. Onde e para quem Jesus expôs sua missão? Esse discurso começa num quadro bastante difícil. Jesus está na sua terra, na cidade onde crescera e trabalhara na carpintaria de seu pai. Certamente algumas das pessoas da Sinagoga eram seus parentes e alguns deles não tinham aceitado bem sua saída e seu apoio ao movimento de João Batista. Nessas condições é que Jesus retorna a Nazaré e lê a messiânica mensagem de Isaías: "Em mim se cumpriu esta mensagem que vocês ouviram". Seus amigos e parentes olharam uns para os outros e disseram: "Não é esse o filho de José?" Ficaram pensando: Como ele vai conseguir realizar tais ideais? Em função dessas dúvidas e incredulidades é que Jesus não realizou, mais tarde, milagres em Nazaré – diz Lucas.

Isso deve nos servir de sinal hoje. Pois, como os judeus de Nazaré, nós também temos preconceitos, somos incrédulos quando se trata de confiar nas pessoas diferentes de nós, julgamos que não atuam igual a nós, por isso não são capazes. Quais eram os ideais de Jesus? Afinal, quais eram esses grandes ideais? A resposta é o resumo da Missão de Jesus:

a) "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu..." A espera do Ungido era a realização primeira das esperanças do povo de Israel. O Messias era o Ungido conforme o próprio sentido da palavra Messias – Cristo. Assim se apresentava Jesus. Infelizmente o messianismo se multiplica entre nós, fora dos parâmetros postos na Bíblia, quando líderes religiosos e políticos tentam usar o povo em benefício próprio. Hoje, a única forma de discernir os caminhos do verdadeiro Messias-Jesus dos falsos messias é pela unção do Espírito que nos dá discernimento. Podemos dizer: a missão de Jesus, do mesmo modo que realizava um propósito de Deus (Lc 3,22), atendia também a esperança maior do povo. Coisa que não podemos ver nos "messias" de hoje. Como disseram os caminheiros de Emaús: "...nós esperávamos que fosse Ele que haveria de redimir a Israel" (Lc 24,21). Desse modo, o Messias Jesus, como Ungido do Senhor, traria as primícias de uma nova criação, onde tudo começa pela unção e presença do Espírito do Senhor. Assim a missão do Messias tem por base e origem a unção do Espírito, o qual vai recriar, através de Jesus, os sinais de uma nova criação, de uma nova ordem chamada Reino de Deus e de uma nova comunidade como continuadora do Reino por Ele iniciado. Se essa foi uma condição necessária ao Messias, imagine nós, hoje, o quanto carecemos dessa unção!

b) "...Ele me ungiu para evangelizar aos pobres..." A unção do Messias se dá para a realização dos propósitos de Deus. O primeiro deles: Boa-Nova aos pobres. O que pode ser uma Boa-Nova aos pobres? Seria que quando eles morressem teriam lugar no céu? Ou que eles seriam libertos do jugo do dominador estrangeiro, no caso, os romanos? Na verdade, a Boa-Nova – Evangelho – pode ser tudo isso que dissemos e muito mais. O Evangelho é, e sempre quis ser, para os pobres, uma resposta imediata e uma resposta eterna; o hoje e o amanhã. A parábola do Rico e do Lázaro ilustra o caráter da bênção futura para os pobres (Lc 16,19-31), mas também é denúncia contra os ricos do presente. Por outro lado, em At 4,34, o Evangelho converte o coração dos ricos, e eles dão aos pobres, de modo que as necessidades destes são atendidas. Nesse sentido, a Boa-Nova atende aos pobres de modo imediato também (Lc 18,18-23; 19,8). Sem excluir a necessidade de eles se converterem ao Evangelho. Isso mostra que nossas práticas missionárias precisam contemplar ambas as direções. Sim, esta é uma marca do povo cristão: profunda experiência com Deus e profundo compromisso com os pobres.

c) "Enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos." O Ano da Graça, como já vimos, era um ano de graça, comunhão e libertação dos escravos e restauração do direito dos pobres. Assim, o tempo do Messias cumpriria tal lei dada por Deus e que as autoridades em Israel haviam sempre adiado. A restauração da vista aos cegos anuncia a cura que traria o Messias aos enfermos, sendo que a cegueira era uma enfermidade, sinal do pecado dos antepassados, e, conforme a teologia dos fariseus, tais pessoas eram impuras. Na dispensação do Espírito, iniciada com Jesus, era dada, pela graça, purificação e restauração para todos. Por tudo isso, o tempo da chegada do Messias haveria de ser um novo tempo, o ano da Graça de Deus, no qual todos os que arrependidos dessem ouvidos à pregação do Reino de Deus trazida pelo Messias (Lc 4,43), e a ele se convertessem, tornar-se-iam beneficiários e proclamadores desse Evangelho, dando continuidade à Missão de Jesus.

Paulo Lockmann
Rua Marquês de Abrantes, 55
22230-060 Rio de Janeiro, RJ